

**Gabriela Neves de Lima**  
**Eduardo Gontijo Oliveira**

# **COZINHA, CAFÉ, PROSA E CUIDADO: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana**

---

## **RESUMO**

Neste trabalho são apresentadas considerações acerca da centralidade das casas e das suas donas nos processos de produção da vida coletiva de Paracatu de Baixo, localidade rural em Mariana, MG, atingida pelo rompimento da barragem de Fundão. A partir do estabelecimento de grande empatia entre esta dupla de pesquisadores e os paracatuenses é que se estabeleceu como objetivo de pesquisa a organização dessa comunidade. No cenário do deslocamento forçado e da residência temporária das famílias na sede do município, a casa surge como categoria analítica fundamental para apreender os efeitos do desastre sociotécnico sobre a organização social e política do povoado, assim como para compreender as subjetividades de seus moradores. Numa perspectiva que busca entender as rupturas e permanências no cotidiano, em especial no de suas mulheres, tem-se a memória de nossas interlocutoras como principal fonte, e a observação participante e *prosa* como ferramentas de pesquisa. Desta forma foi possível perceber o desastre para além de suas instâncias extraordinárias, em sua vivência diária, marcada por esforços para que ocorra a fluência de algum tipo de normalidade mesmo diante da aberrante

excepcionalidade do momento.

**PALAVRAS-CHAVE:** casas; gênero; corpo; memória; prosa; desastre sociotécnico; Paracatu de Baixo.

---

## ABSTRACT

This article presents findings with regards to the centrality of houses and women in the production of Paracatu de Baixo's collective life, a rural locality in Mariana, MG that was affected by the collapse of the Fundão tailings dam. The objective to study the organization of this community stems from the empathy that was established between the researchers and its residents. In a context marked by forced displacement and temporary living arrangements in the municipal seat, the house emerges as a fundamental analytical category for grasping the effects of the sociotechnical disaster on the social and political organization of the affected village, as well as for understanding the subjectivities of its inhabitants. In an attempt to understand the discontinuities and continuities in their everyday life, especially its gendered dimensions, we adopt the memories of our interviewees as our main source and participant observations and prose as research tools. In this way, it was possible to perceive the disaster beyond its extraordinary spheres, focusing rather on its daily experience, which is characterized by efforts to recreate normality, even within the current exceptionality.

**KEYWORDS:** houses; gender; body; memory; prose; sociotechnical disaster; Paracatu de Baixo.

---

Foi muito longo e cravejado de incertezas e receios o percurso que trilhamos até chegar às residências, alugadas, dos moradores de Paracatu de Baixo na sede municipal de Mariana, Minas Gerais. Estávamos conscientes do luto que eles estavam vivenciando devido as suas perdas (materiais e simbólicas) e da exposição dos mesmos às diversas intervenções (de agentes da empresa, servidores públicos, assessores técnicos e pesquisadores) impostas pelo desastre sociotécnico do rompimento da barragem de Fundão da mineradora Samarco S.A.<sup>1</sup>. Não

---

<sup>1</sup> O rompimento da barragem de rejeitos minerários da Samarco S.A. em Mariana (MG) no dia

queríamos que as nossas visitas representassem mais uma violência ao cotidiano deles e que as nossas perguntas fossem motivo de mais sofrimento. No entanto, entendíamos que nossas visitas aos seus lares se faziam necessárias, pois a pesquisa tinha como objetivo principal obter mais conhecimento sobre a complexidade da realidade vivida pelo povo de Paracatu de Baixo antes e depois da localidade ser encoberta pela lama de rejeitos minerários, a partir de suas próprias perspectivas e análises. Conforme fomos nos inteirando sobre os diferentes membros do povoado, do estado das suas relações, das suas histórias e dos seus modos de vida, éramos acolhidos por eles com maior satisfação, o que nos incentivava a retornar. A maioria das nossas interlocutoras eram mulheres: mães, filhas, irmãs, primas e comadres. Isto se deu não porque a pesquisa tinha um recorte temático inicial de gênero, mas em virtude da centralidade das mulheres nas relações sociais e políticas de Paracatu de Baixo, o que só pode ser compreendido a partir da casa e de sua relação com o corpo (CARSTEN, 1997; CARNEIRO, 2017).

Perdido nos confins do antigo distrito de Padre Caetano (atualmente Monsenhor Horta), em Mariana, estava situada uma pequena comunidade de tropeiros, cortadores de lenha e pequenos produtores rurais. Um povoado formado por cerca de 300 habitantes, em sua maioria negros, católicos, forjados na dureza do trabalho na roça sob um sol escaldante e, até um passado não muito distante, nas agruras de longas caminhadas a pé para ter contato com poucos elementos da modernidade. Socados nesses trilhos de burro que só ao cabo da década de 1980 vieram a dar lugar a estradas vicinais, incluídos de maneira parcial e incipiente à sociedade globalizada, assim viveram até o fatídico cinco de novembro de 2015. Nas conversas com o povo de Paracatu de Baixo é reafirmada, de maneira veemente, a generosidade local. Quantas vezes não se repete que, lá em Paracatu, se você chegasse agora, sem dinheiro algum, encontraria comida e hospedagem. Estas falas refletem o espírito daquele lugarejo de gente tão simples, deveras esquecido, onde os homens trabalham fora e as mulheres fazem a lida doméstica diária. Há aí uma metáfora, Paracatu é um grande ventre. Paracatu tem alma feminina. É das mãos que carinhosamente acolhem e produzem o melhor que podem e com fartura! E este caráter

---

cinco de novembro de 2015, provocou o maior desastre socioambiental do país e o maior desastre envolvendo barragens de rejeito do mundo. Estima-se que 60 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos tenham sido despejados no Rio Gualaxo do Norte, percorrendo mais de 600 km até chegar à foz do Rio Doce no Espírito Santo, e provocando os mais diversos impactos socioeconômicos, culturais e ambientais, incluindo vinte mortes de imediato, a destruição de três localidades e de outras inúmeras casas, da fauna e da flora da bacia, de modos de vida, assim como o agravamento de problemas de saúde física e mental (MILANEZ e LOSEKANN, 2016). Seguindo Zhouri et al., qualificamos o desastre como "sociotécnico", pois ele resulta de "um processo deflagrado para além de uma avaria ou erro meramente técnico, remetendo-nos assim às falhas da governança ambiental, produtoras de novos padrões de vulnerabilidade que expuseram, de fato, a população ao risco" (ZHOURI, 2017, p. 40).

LIMA, Gabriela Neves de; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 76–109, jul./dez. 2018.

acolhedor percebe-se logo nos primeiros contatos, pois, a maioria da sua população nos recebeu muito bem em suas moradias alugadas. Inicialmente com alguma desconfiança e com certa cerimônia, mas logo nos levaram para a cozinha, lugar onde, como viemos a perceber mais tarde, se recebe e conversa sem muita formalidade.

Abordar este desastre, por uma perspectiva das ciências sociais e humanas implica de algum modo em ter de considerar e discutir o processo de modernização da sociedade brasileira. E se o foco de nossa atenção for colocado na narrativa dos moradores de Paracatu de Baixo, bem, ter-se-á uma prosopopeia, uma verdadeira tragédia, que, respeitada as devidas proporções, serve até como uma alegoria da trajetória de inserção das estruturas do capitalismo global na sociedade brasileira: a história de um povo predominantemente rural, majoritariamente negro, que é literalmente atropelado pela modernização que se materializa, aos borbotões, numa tremenda onda que arrasa tudo, que tange do campo à cidade, que traz novos prazer e dor. O desastre, com toda sua violência, provoca uma espécie de contração do tempo, catalisando e revelando uma transformação sociocultural mais ampla (BENSA e FASSIN, 2002; HOFFMAN e OLIVER-SMITH, 2002). Logo, a crise se transforma em uma condição crônica, rotinizada, e as pessoas afetadas se veem obrigadas a refazerem suas vidas em mundos fragmentados (DAS, 2006; ZHOURI et al. 2016).

Procurando melhor compreender a organização deste povoado rural a partir de suas casas, que já não existem, partimos então em busca da "casa lembrada" (BAHLOUL, 1996). Desta maneira a memória, em sua dimensão individual e coletiva, tal qual trabalhada por Izquierdo (1989), Bosi (1994), Le Goff (1994), Bergson (1999) e Lopez (2008), surge como categoria central na análise proposta, conduzindo-nos às metodologias de história oral e história de vida. Cabe destacar que o trabalho com a memória em contexto de desastres tem grande relevância, pois contribui para a complementação de uma área de atuação que é comumente negligenciada pelos atores institucionais envolvidos nos processos de resgate, reparação e reconstrução (SARTORI e VALENCIO, 2016).

Deste modo, a casa descrita por este trabalho, resulta da intersecção entre as dinâmicas observadas no momento atual da vida das interlocutoras e os relatos e as narrativas da memória de como a casa funcionava lá em Paracatu antes do desastre. Assim, propõe-se demonstrar as perturbações e permanências na organização social e política de Paracatu de Baixo em função do desastre, através de suas casas e cozinhas, evidenciando a centralidade das mulheres na micropolítica cotidiana deste povoado. Esta abordagem nos permite identificar as diferenças entre o *lá* e o *aquí*, expondo a casa como "laboratório moral" (MATTINGLY, 2014), ou seja, um local de experimentação cotidiana da moralidade camponesa que permite a convivência entre os membros do povoado.

Em diversos contextos rurais a casa exerce um significado simbólico que permite sua integridade e persistência através do tempo, a despeito de grandes transformações políticas, econômicas e sociais (PINE, 1996). De acordo com Pine (1996), em seu estudo sobre os Górale na Polônia, a importância econômica da casa se expande e contrai conforme a economia política<sup>2</sup>. No caso de Paracatu de Baixo, a escassez de políticas públicas direcionadas ao segmento rural contribuiu para a centralidade da casa na provisão de educação, saúde e trabalho. A casa resguarda valores, direitos e obrigações, entre os quais estão a reciprocidade, o trabalho árduo, o cuidado e a autossuficiência. Nela também estão ancoradas as definições dos ideais associados ao que é levar uma "boa vida" e ser uma "boa esposa" ou "boa filha". No entanto, o que nos parece mais importante é que a casa aparece como um espaço experimental, dentro do qual indivíduos e famílias lidam diariamente com dilemas relacionados ao cultivo de virtudes valorizadas no campo (MATTINGLY, 2014).

A partir da análise da hospitalidade foi possível perceber que a casa, nessa localidade, não representa apenas um espaço privado ou uma organização doméstica, mas também possui significados políticos e morais. A reprodução social e "simbólica" (CARSTEN, 1997) de Paracatu de Baixo ocorre, em grande medida, graças às atividades diárias e repetitivas, aparentemente mundanas, realizadas por mulheres, tanto em casa quanto na rua. Elas incluem: a alimentação, o cuidado das crianças, dos mais velhos e dos enfermos, as visitas às casas dos parentes, dos vizinhos e dos compadres, a recepção dos mesmos em seus lares, o trabalho na cozinha da escola e na limpeza das ruas. Essas atividades demandam agilidade e requerem saberes diversos, contribuem para a aproximação e o distanciamento de pessoas, e geram oportunidades para a criação e o descenso (FRAIMAN, 2017). Portanto, mais do que hábitos (atos quase que inconscientes), essas atividades são fruto de esforços diários que propiciam "uma ligação passional" (BACHELARD, 2014 [1958], p. 36) entre o corpo e a casa. As ações das donas de casa dão forma à morada e aos objetos que nela se encontram, enquanto os últimos têm efeitos sobre as primeiras (MILLER, 2001; GUEDES, 2017). Isso se torna talvez mais evidente no contexto atual, em que a casa não existe mais em sua forma material, porém é lembrada e recriada pelas mulheres de Paracatu de Baixo para

---

<sup>2</sup> Pine descreve o efeito de transformações que ocorreram na região, desde o período feudal até os anos 1990, sobre a significação das casas no povoado. Sua abordagem, nos permite identificar a continuidade de uma ética camponesa a despeito da introdução do trabalho assalariado e do empreendedorismo, o que seria para Woortmann (1990) em sua elaboração da "campesinidade" algo contrário à ética camponesa no Brasil. Ela discorre que "Apesar do fato de que, para complementar sua subsistência e manter suas terras, aldeões tenham há muito se envolvido em uma pletera de atividades não agrícolas, frequentemente envolvendo a emigração do povoado, eles se *representam* primeiramente como camponeses" (PINE, 1996, p. 456, tradução nossa).

gerir a vida cotidiana.

Além disso, a política local era feita nas casas, pois elas se constituíam no espaço para receber candidatos às eleições, clérigos e turistas e pelas donas de casa que frequentavam a prefeitura para reivindicar emprego, moradia e melhorias nos equipamentos públicos. Em grande medida, as divisões entre a casa e a rua, o privado e o público se tornam menos nítidas nesse povoado, sendo estas divisões usadas pelas mulheres apenas para delinear uma hierarquia interna e materializar distanciamentos. Em Paracatu de Baixo, observamos por meio da casa, a coexistência de noções de igualdade e hierarquia. Carsten (1997) observa uma dinâmica semelhante em uma vila de pescadores em Pulau Langkawi, Malásia. Para a autora, a hospitalidade, a comensalidade e o ritual, apesar de serem regidos por códigos de gênero e idade, servem para criar uma igualdade entre os seus moradores e conseqüentemente estimular maior coesão social em um contexto de migração e pobreza (CARSTEN, 1997). Nos dois casos, reconhece-se o papel fundamental dos homens para a economia local, por meio do trabalho fora da localidade. No entanto, são as mulheres que promovem certa estabilidade social ao administrar os limitados e vitais recursos, assim como ao articular relações que são atravessadas por valores e tensões.

Neste sentido a casa assume, desde a disposição interna dos cômodos até os arranjos de suas dispersões espaciais, um caráter de contigüidade de relações e tempos. Reflete a um passado-presente, pois, ainda que não exista como materialidade, está estreitamente relacionada ao adestramento dos corpos e à experiência cotidiana de habitação. A morada aparece como filtro mediador da experiência atual e guia para a construção dos critérios de bom e ruim. Como futuro, materializa-se como objetivo a ser alcançado, razão, causa e fim último do processo político experimentado.

## **PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: Viagem, Café e Prosa**

Ianni (2003) ressalta a importância da viagem para a construção do conhecimento, principalmente nas ciências sociais. Para o autor: "Como realidade ou metáfora, a viagem está sempre presente em muito do que é o imaginário das ciências sociais. Todo cientista social realiza algum tipo de viagem quando estuda, ensina ou pesquisa" (2003, p. 14). Neste sentido, ela (a viagem) é percebida, tanto em seu sentido literal como metafórico, como um método eficaz para obtenção de novos conhecimentos e, também, a reelaboração daquilo que já se conhece, por possibilitar o estabelecimento de comparações, pois, nas palavras do autor, a viagem

“permite colocar lado a lado configurações sociais, econômicas, políticas ou culturais diversas, próximas e distantes, presentes e passadas” (IANNI, 2003, p. 15). Conduz o viajante a novas percepções de si mesmo e dos outros com quem cruzou em seu caminho, pois “a viagem pode alterar o significado do tempo e do espaço, da história e da memória, do ser e do devir. Leva consigo implicações inesperadas e surpreendentes” (IANNI, 2003, p. 22). Desta forma buscar-se-á apresentar neste fragmento de texto um pouco desta trajetória de pesquisa, uma viagem real e metafórica, recheada de percalços, encontros e desencontros que conduziram esta dupla de pesquisadores a um lugar outro, bem distante de onde pretendiam chegar a princípio.

No início, procurava-se de um ou outro modo acompanhar o processo de reconstrução das moradias de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. Por um lado, uma busca pela (re)construção de uma cartografia das comunidades a partir da memória de seus habitantes, por outro lado, a busca pela dimensão institucional do arranjo de tomada de decisões no processo de reassentamento das famílias. Desta forma o desastre em si surge como ponto de partida para ambos os trabalhos, porém não marca necessariamente o objetivo original de cada análise. Contudo, quando inseridos na dinâmica do campo, a acompanhar o cotidiano dos atingidos, Paracatu de Baixo surgiu-nos como a pedra *no meio do caminho*<sup>3</sup>. Logo nos primeiros contatos pudemos perceber a nítida diferença entre as comunidades afetadas e a grande vulnerabilidade social de Paracatu de Baixo<sup>4</sup>. A simplicidade de modos, o fato de serem predominantemente negros, de terem suas reuniões semanais sempre tumultuadas, porém, abertas aos que vinham de fora participar. Estas características nos chamaram a atenção para esta gente que nos encantou e cativou com sua recepção regada com boa prosa e café nas residências alugadas na sede municipal de Mariana.

No campo, optamos tanto pela entrevista não estruturada e em profundidade quanto pela observação participante. Como descreve Naepels, em função dos temas escolhidos e da presença e posição dos pesquisadores, a pesquisa etnográfica não os aproxima da realidade, mas ajuda a esclarecer<sup>5</sup> algumas particularidades, em uma condição de

---

<sup>3</sup> Nunca me esquecerei desse acontecimento/Na vida de minhas retinas tão fatigadas/Nunca me esquecerei que no meio do caminho/Tinha uma pedra. (No meio do caminho, Carlos Drummond de Andrade, 1928).

<sup>4</sup> No município de Mariana, as localidades afetadas incluem: Bento Rodrigues, Camargos, Bicas, Ponte do Gama, Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo e Campinas.

<sup>5</sup> Naepels compara a pesquisa etnográfica ao “dispositivo” de Deleuze, para se referir ao jogo de luz e respectivas sombras que a etnografia produz: “cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objeto que sem ela não existe” (2003, 317 In: NAEPELS, 2012, 79, tradução nossa).

coprodução de situações (2012). Tanto a observação participante quanto a entrevista não-estruturada são caracterizadas por relações intersubjetivas que geram "discursividades e visibilidades" (NAEPELS, 2012, p. 83, tradução nossa). Em um primeiro momento, as feições físicas e os modos corporais, assim como a comunicação verbal, que revelam a idade, o gênero, a origem e a classe dos pesquisadores, inevitavelmente contribuem para a forma como nossos interlocutores nos percebem. É apenas depois de certo tempo, da construção de linhas de compreensão mútua e de um diálogo prolongado, que se podem negociar os espaços de comunicação e estabelecer relações de confiança e afeto (NAEPELS, 2012, p. 89). Isso não significa, no entanto, que estaríamos salvos de desentendimentos, pois, como demonstraremos abaixo, a fala tem o potencial de desestabilizar vínculos. Essas são propriedades da pesquisa etnográfica, que propiciam momentos de aprendizagem e trazem um deslocamento d@ pesquisador(a) enquanto tal e enquanto pessoa (NAEPELS, 2012, p. 93). O caderno de campo seria não só uma coleção de materiais e citações dessa viagem, mas o percurso etnográfico e a própria experiência dos pesquisadores (NAEPELS, 2012, p. 90).

As entrevistas logo se tornaram "conversas" (COMERFORD, 2014), durante as quais não apenas perguntávamos aos moradores sobre suas histórias, mas trazíamos para o diálogo outras pessoas, conversas e ações, muitas das quais surgiam das nossas interações ao longo da pesquisa. Com algumas das interlocutoras, pouco entrevistamos, visto que a menção de um assunto ou um vizinho desencadeava uma série de reflexões. Em outros casos, a conversa era mais truncada. Nossas perguntas ou comentários não suscitavam mais do que algumas palavras em resposta. Por vezes, realizávamos as visitas junto a outras moradoras, e assim, entre irmãs, primas ou antigas vizinhas, a prosa tomava novos rumos e sentidos. Com o tempo fomos melhor compreendendo o estado das relações entre os moradores, ajudando-nos a mapear a coletividade. Fomos também aprendendo a interpretar as pausas, os silêncios, as omissões, as metáforas e as expressões nativas (LIBERATO et al., 2017). Por ser um contexto de prosa, tínhamos pouco tempo e espaço para fazer anotações. Além disso, não queríamos que o caderno e a caneta interferissem em nossas conversas. Conforme já observado por Bahloul (1996) e Naepels (2012), a presença desses materiais costumam ser registradas pelos interlocutores, que, em consequência, alteram suas ações e falas. Deixávamos para tirá-los (o caderno e a caneta) da mochila depois da visita ou no final do dia, quando fazíamos um apanhado das histórias, dos comentários e das observações que nos pareciam mais relevantes. Não foram poucas as vezes que algo que nos parecia secundário, passou a chamar nossa atenção depois de um comentário feito em outra casa.

Ao buscarmos as perspectivas e percepções dos atingidos, tomamos

muito cuidado para não ficarmos “reféns do empiricismo” (LIBERATO et al., 2017), o que seria para Bensa e Fassin (2002) a limitação dos relatos dos atores no contexto do desastre, na tentativa de conferir significados à experiência do evento catastrófico. Como argumenta Koselleck, “enquanto eventos são causados ou sofridos por sujeitos específicos, estruturas são supraindividuais e intersubjetivas” (1985, p. 108, tradução nossa), ou seja, elas transcendem a dimensão cronológica experimentada por sujeitos envolvidos no evento. Tentamos problematizar as condições históricas, econômicas, socioculturais e socioafetivas que influenciam as narrativas dos atingidos. No entanto, entendemos que, ao costurar um enredo sobre Paracatu de Baixo a partir das ações, falas e memórias das nossas interlocutoras, agimos como contadores de histórias (ARENDRT, 1999 [1958], p. 184). Histórias essas que são elaboradas dialogicamente e colaborativamente enquanto sujeitos compartilham conosco suas lembranças e experiências, retrabalhadas e reinterpretadas para outro público. Cabe destacar que neste processo de (re)elaboração das histórias, os nomes das interlocutoras e dos seus atuais bairros de moradia foram preservados, assim como detalhes e juízos de cunho pessoal.

### ***Notas sobre a memória***

Assim, tendo por objetivo pesquisar a casa de Paracatu de Baixo – o que acontece dentro delas, qual a relação entre elas e o que significa fazer parte de uma casa do povoado – o que se pode fazer quando esta não existe mais? Propomos, seguindo Bahloul, investigar a “casa lembrada”, pois ela seria “uma cosmologia em pequena escala que simbolicamente restaura a integridade de uma geografia destruída” (1996, p. 28, tradução nossa). Desta forma, a memória se manifesta como principal categoria de pesquisa. Tomando-a como própria dos planos individual e coletivo, apresenta-se como uma capacidade psíquica e social do ser humano de atualizar impressões e informações, para que lhe sejam percebidas como passadas (LE GOFF, 1994; LOPEZ, 2008). Como aponta Izquierdo (1989), deve-se falar em memórias e não em memória, já que estas provêm de experiências, existindo uma gama infinita de memórias que estão associadas, direta ou indiretamente, a inúmeras possibilidades das experiências humanas<sup>6</sup>. Cabe ressaltar que a memória como relação social,

---

<sup>6</sup> De acordo com o autor, seria melhor utilizar a palavra “memória” para designar a capacidade geral do cérebro e de outros sistemas para adquirir, guardar e lembrar informações, e empregar a palavra “memórias” para designar cada uma ou cada tipo delas. Continuando, o autor classifica as memórias de acordo com suas características: a) de acordo com a sua função – memória de trabalho ou memória imediata; b) de acordo com o seu conteúdo – memórias declarativas (que podem ser episódicas ou semânticas) ou de procedimentos; c) de acordo com o tempo que duram (memória de longa duração e memória remota) (IZQUIERDO, 1989).

na proposição do sociólogo Halbwachs<sup>7</sup> (2013), aparece como um conjunto integrado de representações que está sujeito às determinações e disputas inerentes aos grupos sociais. Que os conflitos sociais, as posições assimétricas assumidas pelos diferentes atores, estão envolvidos no condicionamento do que é e como deve ser lembrado. A memória, em especial a coletiva, é também um instrumento de poder (LE GOFF, 1994).

A produção e o funcionamento da memória, tal qual proposto por Bergson (1999), se processa de um modo utilitarista frente às experiências cotidianas, sujeitas à apreciação de afeto e desafeto. Nesta perspectiva, a “memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova” (BERGSON, 1999, p. 116). Por “imagem”, Bergson compreende “uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa – uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação’” (1999, p. 2). Neste sentido, a realidade não está restrita a uma ou a outra concepção, mas em um ponto mediano entre as duas. Assim, não se pode negar ou negligenciar a “coisa” em si e a sua “representação” como possibilidade de compreensão e entendimento da realidade e, por extensão, dos sujeitos, de seus modos de conceber e experimentar o mundo. Na mesma esteira, Weitzman aponta para a memória como sendo um processo de permanente “reconstrução narrativa que fortalece a identidade pessoal e coletiva” (apud COMERFORD et al., 2015, p. 210). Ao analisar relatos e práticas de migrantes de Minas Gerais residentes no Morro dos Prazeres, Rio de Janeiro, a autora enfatiza a existência de uma relação dialética entre contextos, objetos e situações experimentadas no cotidiano e contextos, objetos e situações lembradas. Assim, sentencia: “as estruturas de significado baseadas nos referenciais de um passado vivido no contexto da roça regem a atualização de relações, vivências e discursos no momento presente, na cidade” (WEITZMAN apud COMERFORD et al., 2015, p. 210).

Sartori e Valencio (2016) trabalham a importância da memória para processos de atenção às populações afetadas por desastres. Para as autoras:

A memória em torno de um desastre vivenciado consiste em uma abordagem que permite compreender as ligações entre as dimensões materiais e as dimensões simbólicas do tecido microssocial comunitário imerso nesse

---

<sup>7</sup> Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que só será possível se tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

acontecimento trágico, possibilitando um novo entendimento do sujeito no mundo, abordagem esta que a interpretação institucional recorrentemente descarta. Tais ligações são as que permitem revelar que, por detrás da crise aguda – frequentemente denominada como sendo “o dia do desastre” –, desenvolve-se uma crise crônica, na qual tanto as insuficiências quanto às omissões de providências públicas voltadas para os grupos sociais mais fragilizados resultam em debilitá-los ainda mais (SARTORI e VALENCIO, 2016, p. 185).

A busca pela memória comum<sup>8</sup>, elaborada a partir das lembranças de membros de grupos afetados, representa um esforço contra a redução de significados e a “espoliação das lembranças” (BOSI, 1994, p. 443) em operação na construção da memória oficial. Nos discursos e documentos oficiais, “A casa e o corpo se tornam números e, ainda, esses números são segmentados, inviabilizando nexos de sentido profundos sobre o lugar” (SARTORI e VALENCIO, 2016, p. 182). Eles ofuscam não apenas os efeitos diferenciados do desastre sobre corpos, especialmente no que diz respeito ao gênero e à idade dos mesmos, mas também a ligação íntima entre corpos e casas que contribuem para o enraizamento de sujeitos em uma coletividade. A prática de rememoração dos espaços e objetos, assim como das atividades e dos movimentos realizados dentro e entre as casas proporcionam a reconstrução de uma “arquitetura social” (BAHLOUL, 1996, p. 28, tradução nossa). Tal reconstrução permaneceria incompleta sem as observações do cotidiano das famílias atingidas no novo contexto, pois como nos lembra Martins, para além de recordações verbalizadas, a memória se manifesta “nos gestos, nos gostos, na audição, nos sotaques, no paladar, no olfato, nos cheiros” (2000, p. 146 apud SARTORI e VALENCIO 2016, p. 211).

Cabe ressaltar que ao trabalharmos com as metodologias de história de vida e história oral, incentivamos nossas interlocutoras a realizarem um exercício reflexivo. A memória é sempre relacionada a uma condição atual, construída e continuamente atualizada em uma justaposição entre o *lá* e o *aquí*, inevitavelmente influenciando a forma como eventos e sentimentos passados são interpretados. Se por um lado, ela permite o desenvolvimento de uma perspectiva crítica, por outro lado, as lembranças podem ser

---

<sup>8</sup> No âmbito da memória coletiva Sartori e Valencio (2016) contrapõe a memória oficial a comum, segundo as autoras, a primeira deriva de processos de documentação e formalização, que visam quantificar a complexidade envolvida atendendo a necessidade de uma linguagem técnica que alimenta um discurso padrão. Por outro lado, a memória comum “é tecida por processos endógenos da comunidade residente afetada, processos esses que têm como fio condutor da narrativa a vivência desse acontecimento, a qual imbrica com frequência aspectos da esfera da vida privada com a vida pública local, uma vez que essas esferas são consideradas pelos narradores como mutuamente influenciáveis” (p. 182).

banhadas de saudosismo<sup>9</sup>, e a condição passada romantizada. Nos parece importante lembrar que os sentimentos de insegurança e incerteza que permeiam o cotidiano dos atingidos ao pensar no futuro, também contribuem para essa ressignificação do passado.

### ***O manejo da visita e da prosa***

O conjunto de visitas às casas proporcionou material para uma pesquisa etnográfica que nos expôs ao “sistema da casa” ou à “mexida de cozinha da dona da casa” (CARNEIRO, 2017, p. 710) de Paracatu de Baixo. Nossas observações entremeiam a lembrança da casa e o cotidiano na casa alugada, em especial a hospitalidade, pois esta não deixa de ser ligada à forma da casa, à comida ali preparada e servida e ao trânsito entre as casas conforme ocorriam no povoado. Essa abordagem nos ajudou a melhor compreender os modos de vida, os valores e a organização social e política da comunidade. Enquanto fazíamos a visita, aprimoramos, concomitantemente, as habilidades necessárias para fazer a prosa render e entender a dinâmica da casa. Deste modo, a oportunidade que tivemos de frequentar lares e criar vínculos afetivos com as paracatuenses, nos colocava em uma posição distinta de outros atores institucionais no contexto do desastre (HOFFMAN e OLIVER-SMITH, 2002).

Assim como em outros contextos rurais de Minas Gerais, a “boa prosa” é valorizada, pois ela permite a convivência entre os moradores (COMERFORD et al. 2015). De acordo com Dainese, “a prosa é tanto condição quanto termômetro para o relacionar” (apud COMERFORD et al. 2015, p. 45), pois pode aproximar ou distanciar pessoas em uma constante redefinição de relações. A pessoa que é “boa de prosa” “conhece a arte de prolongar o encontro através de palavras, seja nas novidades que anuncia, seja por meio de antigas histórias, que ganham interesse de quem ouve menos pelo ineditismo e mais pela forma como é contada” (DAINESE apud COMERFORD et al. 2015, p. 45). Assim, em vez de “deixa[r] o café velho na

---

<sup>9</sup> O saudosismo emerge como tema central em estudos na área de migrações. Weitzman revela que para mineiros que moram no Morro dos Prazeres, Rio de Janeiro, as lembranças da roça trazem tristeza e prazer (apud COMERFORD et al. 2015). Apesar das condições de trabalho terem sido motivo de muito sofrimento, as atividades na roça foram fonte de aprendizagem de práticas agrícolas que ajudam seus interlocutores a se posicionarem enquanto sujeitos no contorno urbano, inseridos em um trânsito contínuo entre campo e cidade (WEITZMAN apud COMERFORD et al. 2015, p. 215). Em seu estudo sobre a memória de Dar-Refayil, morada de judeus e muçulmanos em Setif, na Argélia colonial, Bahloul descreve como as narrativas dos seus interlocutores, muitos dos quais migraram para a França na década de 1960, revelavam ambiguidade em relação à casa, em particular aos seus espaços arruados (portas e janelas) e comunais (o pátio interno e os banheiros), e por extensão aos valores morais e às condições materiais do grupo (1996, p. 30). Enquanto divisões mais permeáveis significavam maior sociabilidade entre parentes e vizinhos, elas representavam também uma vida mais precária e com menos privacidade na Argélia do que na França.

garrafa" (CARNEIRO, 2017, p. 710), a dona da casa pode prolongar a visita ao passar meia garrafa de café toda vez que a visita ameaçar ir embora, conforme uma de nossas interlocutoras fazia.

Neste sentido, a prosa “é mais do que apenas troca de informações, trata-se na verdade de eventos recorrentes que envolvem a narrativa das ações observadas, em termos de certos valores e categorias e de acordo com certos padrões tanto relativos à forma da fala como à forma do encontro” (COMERFORD, 2003, p. 31). Há toda uma *etiqueta* para a execução da prosa, e para que essa funcione como ferramenta de troca de informações, isto porque, mesmo em contexto urbano, essas pessoas não deixaram de exercitar a curiosidade que lhes é peculiar, com a qual estabelecem um mapeamento de relações contínuo e consequente controle social<sup>10</sup>. Então, pode-se dizer que passamos a um processo mútuo de (re)conhecimento, no qual ao mesmo tempo em que íamos conhecendo os paracatuenses, eles, concomitantemente, aprendiam sobre nós. Além disso, devido às nossas visitas às moradias temporárias de outros atingidos, trazíamos conosco atualizações sobre o cotidiano destes, e com isto conseguimos acessar histórias do passado, muitas vezes sendo corrigidos, ou melhor, situados sobre as narrativas.

Contudo, cabe ressaltar que o manejo da prosa como ferramenta de pesquisa é delicado, pois coloca o pesquisador à beira do limite entre a prosa e a fofoca ou falação<sup>11</sup>. Como destaca Comerford a caracterização da *fofoca* é uma situação bastante subjetiva:

Esses eventos narrativos podem ou não ser classificados como fofoca (termo de forte carga negativa já que, como dizem na região, “fofoca é a pior coisa”) dependendo das circunstâncias, da maneira de narrar, e sobretudo de quem realiza a classificação – que será por sua vez parte de outra narrativa, que pode ela mesma ser classificada ou não como fofoca, e assim por diante (2003, p. 31).

Como elucidada a situação vivenciada por Dainese (apud COMERFORD et al.,

---

<sup>10</sup> Para Comerford (2003), talvez seja mais preciso falar em “operações de mapeamento” ou em “mapeamentos” do que em “mapas”, já que não há momentos em que essas relações sejam fixadas oficialmente, mas há uma espécie de prática permanente de produção de referências mais ou menos contestáveis, que produzem um tipo de autoconhecimento dessa sociedade. Desse modo, cada um possui um conhecimento considerável não só sobre seus parentes como sobre os parentes dos outros (COMERFORD, 2003, p. 33).

<sup>11</sup> Nas palavras de Dainese, “A troca de palavras é pouco dada à estabilidade. Sabendo disso, as pessoas nem sempre estão preocupadas em qualificar a fala como fofoca ou boa prosa. Mas há situações que fazem com que o reconhecimento dessa característica seja algo imperativo a ponto de exigir que as pessoas observem zelosamente o que vão falar. É o que acontece quando os inoportunos ‘desentendimentos’ estão à espreita” (apud COMERFORD et al. 2015, p. 50).

2015) o tempo de permanência d@ pesquisador@ em campo é também uma situação delicada, pois quanto maior o seu envolvimento com as famílias, sua presença passa a ser incorporada como a de um membro da comunidade e menos como o de uma visita. Quanto mais próxim@ @ pesquisador@ fica, maior sua possibilidade de se envolver em fofoca ou falação<sup>12</sup>. Neste sentido é preciso adquirir certo tato sobre o que, com quem e como conversar sobre certos assuntos ao longo do desenvolvimento da prosa como instrumento de coleta de informações. É preciso a habilidade de falar e ouvir em quantidades necessárias, sem estabelecer juízos de valor acerca do que fora observado, deixando todo o julgamento de valor a cargo das interlocutoras, na boa linguagem de Minas, apenas *jogar os verdes*.

## **MICROPOLÍTICA DO COTIDIANO: Casa, corpo, o lá e o aqui**

Nesta sessão apresentar-se-á o valor heurístico da casa para uma abordagem socioeconômica e cultural do desastre. A casa tem sido utilizada como categoria analítica em diversas disciplinas, como na antropologia, na geografia e na ciência política. Na antropologia, ela surgiu para explicar incongruências nas teorias do parentesco e a durabilidade de organizações sociais que pareciam seguir padrões paradoxais para os pesquisadores (por exemplo, endogamia e exogamia, matrilinearidade e patrilinearidade, filiação e moradia) (LÉVI-STRAUSS, 1979). Lévi-Strauss (1979) abriu o caminho para o estudo das casas, porém manteve uma abordagem estruturalista que deixou de incorporar certos aspectos que as tornam essenciais para a compreensão de mundos sociais, entre os quais estão: o que os processos que ocorrem dentro e entre as casas e o que sua arquitetura podem nos dizer sobre pessoas e suas visões de mundo (HUGH-JONES e CARSTEN, 1995). Uma perspectiva menos estrutural e mais “processual” ou “fenomenológica” pode ser em grande medida atribuída a autoras feministas que começaram a privilegiar o espaço doméstico como local da pesquisa etnográfica e conseqüentemente a restituir a agência feminina (CARSTEN, 2004), contestando dualidades entre “público e privado” e “natureza e cultura” (PATEMAN, 1983).

---

<sup>12</sup> Dainese relata sua experiência etnográfica em um povoado rural em Minas Gerais quando aceita o convite de uma parente de sua anfitriã para permanecer em sua casa que fica desocupada durante a semana: “Se a moradia em uma casa na Terceira Margem significava um maior contato com os outros moradores, tal intimidade também possibilitava conhecer as tensões ali existentes. Considerado que este morar era em casa de Leocádia, eu entrava na localidade já participando de um dos desacordos mais perenes ali vividos. Trata-se do desentendimento entre Leocádia e sua cunhada, a Nenha...” (apud COMERFORD, 2015, p. 51).

Novas abordagens teóricas em outras áreas, que têm como enfoque a micropolítica cotidiana, também nos deram ferramentas para conceber a relevância da realidade vivida, os ciclos de vida, e as estratégias que fazem face a uma série de dispositivos desenvolvidos para regular e disciplinar corpos e territórios no contexto do pós-desastre (LEFEBVRE, 1991 [1947]; GUATTARI e ROLNIK, 1996; DE CERTEAU et al. 1998). Esses estudos sublinham: o ordinário, o prosaico, o cíclico, o corpo, o afeto, o subjetivo, o pessoal, o interior, o íntimo, o cuidado e o relacional (FRAIMAN, 2017). Muitos desses são ligados às tarefas domésticas, regidas por códigos de gênero construídos historicamente (SAFFIOTI, 2013 [1969]). Porém, como também mostram esses autores, os efeitos dessas atividades ultrapassam as paredes dos lares, visto que elas implicam na organização política e social de uma comunidade e podem ser fonte de resistência.

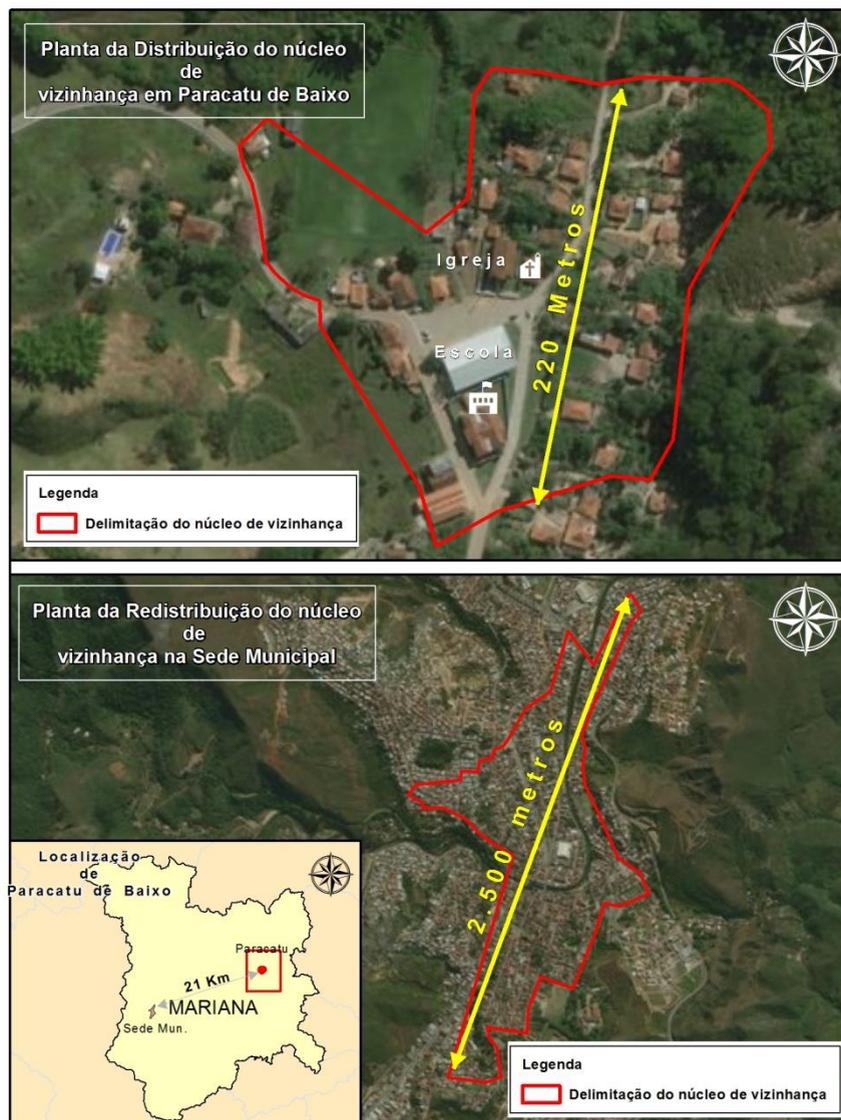
### ***A moradia no contexto pós-desastre e a forja da memória***

Nas primeiras semanas do alojamento provisório, quando as pessoas foram tangidas das regiões afetadas ao longo do Rio Gualaxo do Norte para o ginásio poliesportivo e, posteriormente, para hotéis na sede municipal de Mariana, convivia-se com o desconhecimento do paradeiro das vizinhas ou das comadres, e mesmo que se soubesse onde elas se localizavam, as distâncias a percorrer em Mariana fizeram com que as moradoras de Paracatu de Baixo sofressem um período de isolamento (Figura 1). Depois, por meio de negociação entre a Samarco e o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), ficou estabelecido que a mineradora iria providenciar o aluguel de duzentas casas no município para alojar provisoriamente as famílias atingidas. A empresa produziu uma lista com as casas disponíveis para locação e disponibilizou veículos para que as famílias visitassem e escolhessem as casas de sua preferência. Desta forma, o procedimento para a locação das residências contribuiu para que os moradores dos diferentes povoados fossem espalhados pelos bairros e distritos de Mariana. Uma das consequências desta pulverização geográfica para as comunidades foi, num primeiro momento, a atomização das donas de casa e, portanto, uma desarticulação das redes de apoio, cuidados e obrigações que definiam a “configuração de casas”<sup>13</sup> de Paracatu de Baixo (MARCELIN, 1999).

---

<sup>13</sup> Para Marcelin, “A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em inter-relação com as outras casas que participam de sua construção – no sentido simbólico e concreto. Ela faz parte de uma *configuração*” (1999, p. 36 – 37).

Figura 1 – Plantas das distribuições dos núcleos de vizinhança de Paracatu de Baixo e Mariana.



Fonte: Elaboradas por Eduardo Gontijo Oliveira, 2018.

Os arranjos de moradia no contexto do pós-desastre se afirmam, em contraposição à casa de Paracatu de Baixo, como um estado de deslocamento e incerteza. Resultam de determinações e acordos judiciais estranhos ao cotidiano das famílias. São contratos de aluguel firmados entre a Samarco, imobiliárias e proprietários que despontam como uma perspectiva de anulação da liberdade de intervenção e apropriação do espaço de residência. Enquanto em Paracatu de Baixo a casa se constituiu como a síntese de esforços pessoais e coletivos, da autoprivação e da administração esmerada dos poucos recursos financeiros disponíveis, a morada pós-desastre se materializa como uma mistura do desmando e da

incerteza. De pessoas autônomas frente a sua condição de moradia e vida, os moradores de Paracatu de Baixo se tornam inquilinos sem usufruir de todos os direitos dessa categoria, pois para a resolução de qualquer problema referente às residências alugadas, precisam passar pela mediação de profissionais da Samarco.

Vejamos, por exemplo, o caso de Maria Rosa e suas instalações hidráulicas. Ao longo do nosso trabalho de campo, acompanhamos a peleja de Maria Rosa para consertar a torneira defeituosa da pia da cozinha e a descarga do banheiro social disparada. Durante três meses, toda vez que íamos a sua casa, ela comentava sobre a dificuldade que estava encontrando para conseguir a reparação dos itens, qualificando o processo como um “excesso de democracia”<sup>14</sup>. Quando surgiram os problemas, ela ligou para o escritório da Samarco e comunicou a empresa de que as instalações hidráulicas estavam defeituosas. A empresa entrou em contato com a imobiliária que, por sua vez, comunicou o proprietário. O proprietário pediu que se providenciasse três orçamentos, tarefa que a Samarco repassou para Maria Rosa. Nesse meio tempo, entre receber os técnicos da empresa que fizeram a avaliação dos danos e levantar os três orçamentos, nossa interlocutora começou até a procurar outras casas para alugar, pois considerava que poderia ser mais fácil se mudar do que consertar a torneira e a descarga.

As incertezas e indeterminações não ficam só nesse plano. Desde o rompimento da barragem de Fundão e a conseqüente redução das atividades da mineradora, os rumores da possível falência da Samarco, associados aos anúncios de férias coletivas e demissões de funcionários contribuem para a construção de um clima de grande insegurança quanto ao futuro dos processos de reparação e reassentamento. Por diversas vezes as prosas eram permeadas pela preocupação com o dia de amanhã. Eugênia e sua mãe afirmam recorrentemente que: “Nós somos sem casa Du! Amanhã se a Samarco parar de pagar para nós aqui, nós vamos ficar assim com a mão na frente e outra atrás!”. Francisca, Santinha e Maria Rosa, em praticamente todas as prosas, comentam sobre o comportamento perdulário dos moradores de Paracatu, “esse povo não pensa no dia de amanhã não”, e afirmam a necessidade de se poupar dinheiro para uma eventual falência da Samarco. Por outro lado, os reflexos da estagnação econômica do país são agravados pela redução das atividades da Samarco, gerando inquietudes entre os moradores do município, que por sua vez passam a perceber os atingidos como culpados pelo aumento do desemprego local, visto que o MPMG decretou a paralisação das atividades da mineradora e a priorização das ações relativas aos processos de

---

<sup>14</sup> Nossas interlocutoras costumam usar a expressão “excesso de democracia” para reclamar de qualquer processo de construção de solução que seja demorado. O processo de escolha do terreno de Paracatu de Baixo, por exemplo, foi descrito inúmeras vezes nesses termos.

reparação e reassentamento. Neste sentido, foi perceptível a reversão do clima inicial de solidariedade e consternação com os atingidos para um ambiente marcado por hostilidade e ódio. Esses são manifestados de diversas formas, como nas frases pichadas nas ruínas da escola de Paracatu de Baixo (Figura 2), que sugerem que o desastre provocado pela mineradora teria melhorado as condições de vida dos membros comunidade. Moradores de Paracatu de Baixo também relatam que em conversas informais com a população de Mariana, sempre surgem frases como: “Você que tá com a vida feita. Você que tá tranquilo”. Nas ruas da cidade se ouve que os atingidos são “os vagabundos da Samarco”. Certa vez, em conversa com uma comerciante local, quando ela nos indagou sobre nossa presença em Mariana e soube que éramos pesquisadores estudando as condições de vida dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, ela logo aprumou o corpo, arregalou os olhos e fez o seguinte comentário: “Nossa, que tragédia! Que coisa horrível à situação que esse pessoal tá passando. Mas vocês sabem que teve gente que arrumou a vida com esse acidente, né? Que aqui em Mariana tão tendo tudo que nunca tiveram”. Perguntamos a ela se não achava que os atingidos não tinham pedido para estar lá e que a Samarco tinha a obrigação de repor o que eles perderam. Ela retrucou: “Acho, mas que tem gente que arrumou a vida, arrumou sim,” e ao final da conversa ainda lamentou: “coitadinha da Samarco”.

Considerando o meio em que os paracatuenses passam a habitar e as tensões que têm de enfrentar, presos à incerteza do futuro, a memória de Paracatu então fulgura como refúgio, de tardes fagueiras à sombra de mangueiras, jabuticabeiras e ameixeiras a levar longos, quase intermináveis, dedos de prosa. Mesmo diante das recordações dos conflitos e violências, como quando Maria Rosa rememora a surra que ela já tinha tomado da mãe, ou quando as interlocutoras se lembram das violências sofridas por Toninha por parte do marido, Paracatu não perde a sua docilidade. Aliás, ao visitar as ruínas de Paracatu de Baixo, Francisca me<sup>15</sup> levou para conhecer o local onde era sua casa e me mostrou a única lembrança de seu pai que resistiu à lama, um “pau de eucalipto branco, hoje seco, na beira da cerca”. Atrás de onde ficava sua casa resiste uma frondosa mangueira de copa bem avultada, hoje fácil de subir devido ao soterramento provocado pela lama, carregadinha das miúdas manga Ubá, gostosa e sem linha. Ali Francisca se esbaldou, chupou tantas quantas quis. Balançava o galho e me pedia para catar do chão, encheu a blusa e sentou ali debaixo da mangueira, e as comeu com volúpia. Santinha que também foi conosco, chupou manga, mas preferiu encher sacolas para levar para casa. Francisca não quis levar nenhuma. Na viagem de volta, elas vieram caladas, amuadas, olhando a paisagem. Chegando à sede municipal de

---

<sup>15</sup> Diário de campo de Eduardo.

Mariana perguntei a elas se haviam gostado de ter ido e disseram ter gostado. Francisca emendou em sua resposta: “É a alegria ficou lá, o sofrimento é aqui”. Deixamos Santinha em casa e fui levar Francisca, lá perguntei se ela não queria um pouco das mangas que estava levando para mim, ela me disse que não, que manga “é mais gostosa chupada na hora que pega, debaixo do pé!”.

Figura 2 – Frases pichadas nas ruínas da Escola de Paracatu de Baixo: “Felicidade quem nunca gostou de trabalhar hoje tem muito para gasta(r)” “Parabéns Samarco, deu o povo de Paracatu conta no banco”.



Fonte: Fotos de Arquitetas Sem Fronteiras – Escritório de Integração da PUC - Minas, 2016.

## **Quintal, Cozinha, Cerimônia e Visita**

A cozinha, com algumas exceções, tem papel central nessa configuração. Esse é um espaço onde a maior parte das atividades rotineiras são realizadas. O alimento é preparado através das mãos hábeis e guiado pelo paladar refinado da dona de casa, e consumido por toda família e seus agregados, como esta dupla de pesquisadores, o que possibilita a reprodução da vida, visto que ele se torna substância para o corpo e sangue (CARSTEN, 1997; CARNEIRO; 2017). Deste modo, a cozinha se torna local de encontro e conversa entre próximos, colocada e reiterada todos os dias. A cozinha evidencia a importância da comensalidade, da hospitalidade e da prosa para este mundo social. Neste sentido é, por costume, localizada mais ao fundo da casa, em uma área mais reservada, protegida<sup>16</sup>, por ser propícia para a prosa. Assim, não são todos os que têm acesso à cozinha. Dependendo da visita, esta pode não passar da sala ou dar uma chegadinha final na cozinha para molhar a boca de café. Existe toda uma arte para essa movimentação dentro de uma casa, coordenada pela mulher. Seguindo Appadurai (1981), argumentamos existir uma verdadeira “gastropolítica”<sup>17</sup> em Paracatu de Baixo, visto que o acesso limitado à cozinha evidencia hierarquias e rivalidades locais, enquanto a comensalidade reflete a solidariedade e a intimidade. Nesse arranjo, o alimento em função das suas propriedades materiais e simbólicas, revela os potenciais de homogeneização ou inclusão e heterogeneização ou exclusão.

Ademais, De Certeau et al. (1998) nos lembra que o ato de cozinhar envolve processos de tomada de decisões e manipulação dos recursos e gostos familiares, é uma atividade que exige e aprimora a criatividade e a racionalidade. Nesta perspectiva a cozinha aparece como um local de manifestação do poder da sua dona através da exibição de sua organização e asseio, bem como local de sua realização pessoal, pois há a vaidade entre as interlocutoras de possuir panelas reluzentes, jogos de louça, armários organizados e, principalmente, de cozinhar uma comida elogiável. Há um jogo de comparação entre a qualidade da comida em que todas as interlocutoras reconhecem a comida de Francisca como sendo a melhor de Paracatu de Baixo. Cabe salientar que ver as panelas raspadas é um dos

---

<sup>16</sup> Uma característica que só nos demos conta quando Francisca foi explicar o que havia de melhor na nova casa que escolheu, na ocasião de sua mudança para o bairro da Ponte. Ela disse que na casa anterior a cozinha era grande, mas ficava muito perto da entrada e da sala. A partir desse comentário viemos a perceber que todas as demais interlocutoras escolheram casas nas quais as cozinhas ficavam protegidas nos fundos dos imóveis.

<sup>17</sup> Appadurai define a “gastropolítica” como “o conflito ou a competição por recursos culturais ou econômicos específicos que emergem nas transações sociais relacionadas à comida” (1981, p. 495, tradução nossa).

maiores elogios para a cozinheira.

De acordo com Appadurai, "quando seres humanos convertem alguma parte do seu ambiente em comida, eles criam um dispositivo semiótico particularmente poderoso" (1981, p. 494, tradução nossa). A comida desempenha um importante papel na comunicação: ela carrega mensagens e medeia relações na localidade, cultivando-as ou restringindo-as. É possível identificar essa continuidade entre processos fisiológicos e sociais no discurso de nossas interlocutoras, especialmente quando elas tentam se afirmar como donas de casa ou descrever a dinâmica entre vizinhos. Em uma conversa na qual tratávamos da relação entre a "poderosa beata" de Paracatu, Dona Terezinha, e o padre, Santinha comentou que o padre gosta mesmo é da comida de Gisele", sua filha. A partir deste comentário percebe-se uma espécie de competição entre duas casas e uma tentativa de demonstrar o reconhecimento que nossa interlocutora obteve concernente à formação da sua filha. Em outra ocasião, sua irmã, Francisca, que visava ilustrar a existência de conflitos internos na comunidade, contou: "Porque lá em Paracatu, ela [Dona Terezinha] não deixava a gente nem entrar na cozinha dela. Ficava horas contando caso na frente da porta. Por isso que aqui eu vou lá e sujo tudo mesmo". Cabe observar, neste último exemplo, a desestruturação provocada pelo desastre, pois a interlocutora aproveita do novo contexto para acessar um espaço e comer da comida que lhe eram previamente interditados.

Desta maneira, em Paracatu de Baixo, temos na cozinha um local privilegiado de formação para as mulheres em suas práticas cotidianas. Isto fica evidente nos sermões passados por Maria Rosa em suas filhas a respeito da importância de ter uma cozinha organizada, com cada coisa em seu lugar. Em geral Maria Rosa é exigente com as tarefas domésticas, mas vive negociando a arrumação de casa em troca de dinheiro para cabeleireiro, roupas e passeios. Contudo, a desarrumação da cozinha gera conflito quase que diário, são sermões e ameaças de pescoções toda vez que a pia some no meio dos pratos, ou que mudam alguma vasilha de mantimentos de lugar. Em suma, como nos diz sabiamente Carsten (1997), mulheres geram mulheres e, portanto, novas cozinhas.

Como parte indispensável desse processo de reprodução, o quintal surge integrado à casa em uma relação de unicidade com a cozinha, formando um nicho ecológico que revigora as relações comunitárias, através das diversas trocas possíveis, e, ao mesmo tempo, no sentido da provisão de alimentos saudáveis, fortalecendo os corpos e garantindo alguma autossuficiência ao domicílio, o que representa a fonte do poder da mulher na comunidade. Em Paracatu, preparava-se as refeições diárias com alimentos frescos colhidos na horta ("aquela couve picadinha na hora"), ou adquiridos junto a vizinhos ("aquele leite do Seu Afrânio"), sendo a generosidade, como veremos adiante, uma característica valorizada no

bairro rural. Assim, os alimentos locais, preparados pelas mulheres, se tornam substância para os corpos de crianças em fase de crescimento, dos homens que precisam de energia para a lida diária e das mulheres para que fiquem ou continuem encorpadas<sup>18</sup>.

A residência no contexto do pós-desastre, por outro lado, representa uma ruptura com a autossuficiência da casa e da mulher, que tem relação direta com a desconstrução da unicidade cozinha-quintal. Arranjos provisórios, dentre os quais estão o uso de potes de plástico e canos de PVC para plantar mudas nos terraços e varandas das residências alugadas, a criação de galinhas em quintais mal cuidados pelos antigos proprietários ou inquilinos e a demanda para que se providenciasse uma horta urbana, visam recuperar aquela dinâmica na cidade sede. Aqui a provisão de alimentos se torna uma relação de comparação e busca por alimentos de boa qualidade e a preço acessível nos supermercados e sacolões, o que é tomado como cansativo para algumas das interlocutoras (principalmente por aquelas que ainda têm filhos em idade escolar e, por isso, têm de cozinhar todos os dias e fazer o dinheiro render). Para outras, nem tanto, torna-se uma oportunidade de caminhar pela cidade, rever conhecidos e conhecer pessoas. A perturbação do arranjo ecológico cozinha-quintal leva a uma perda de autossuficiência, porém, possibilita um ganho sociocomunicativo, no sentido da expansão das redes de contato social destas mulheres<sup>19</sup>.

Cabe salientar que a rede de contatos sociais de Paracatu se constitui através de um conjunto de visitas de modo compulsório entre as mulheres donas de casa. Em Mariana, quando Francisca se mudou do centro para o bairro da Ponte, reclamou que Maria Rosa ainda não tinha ido visitá-la no novo endereço e decidiu que não visitaria a prima no bairro Céu Azul até que ela aparecesse em sua casa. Toda vez que chamávamos Francisca para ir conosco até a residência de Maria Rosa ela fazia este mesmo comentário. Por outro lado, toda vez que nós mencionávamos o nome de Francisca em uma conversa com Maria Rosa, a última murmurava: “Ih, preciso ir lá”. Em outra ocasião, Francisca comentava com indignação uma fala de Clarissa sobre o Paracatu ser uma grande família. Para a

---

<sup>18</sup> Diário de campo de Gabriela: Para os padrões de Paracatu de Baixo, mulher bonita parece ser aquela que tem um corpo avantajado. No início do trabalho de campo, não foram poucas as vezes que eu escutei Francisca exclamar: “Tá muito magrinha, tem que comer gente!”. Quando eu ficava em sua casa para o almoço ou jantar, a decepção ao constatar a quantidade de comida no meu prato era visível em sua expressão e ela fazia questão de fritar dois ovos para complementar minha refeição. No entanto, depois de ter me mudado para outra cidade e ganhado peso, ao me rever Francisca disse numa alegria: “Ô Ga, você se deu bem com o Rio”.

<sup>19</sup> Depois de se instalarem provisoriamente na sede municipal de Mariana, nossas interlocutoras já se familiarizaram com seus vizinhos e em alguns casos teceram novas redes de solidariedade. Além disso, durante suas andanças pela cidade elas conseguem obter notícias sobre a vida de seus antigos vizinhos, seja durante a prosa na rua, seja graças à visão apurada delas, pois enxergam outros paracatuenses de longe.

primeira a fala seria absurda, pois Clarissa, em Paracatu, “morava lá encima” e a única casa que ela visitava perto da igreja era a de Terezinha, “era da casa dela para a casa de Terezinha, e da Terezinha para a casa dela, não entrava na casa de mais ninguém em baixo”<sup>20</sup> Estas visitas ajudam a manter a integridade da comunidade, estabelecendo e renovando laços de cooperação e solidariedade, ao mesmo tempo em que demarcam os conflitos e discordâncias, deixando claro aos demais membros da família as casas e pessoas que não podem ser visitadas e, portanto, com quem não se pode relacionar. Por meio das visitas é que se articula a rede de apoio mútuo, nelas é possível pedir e oferecer ajuda. Foi possível observar e participar de algumas destas visitas em Mariana <sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Liberato et. al. (2017) apontam para a existência de três núcleos de vizinhança bem delimitados em Paracatu de Baixo. O primeiro destes núcleos, sito à entrada do povoado pela estrada de Monsenhor Horta, é descrito como curioso caso de concomitância dos fenômenos de segregação e autosegregação socioespacial; cabe salientar o vínculo familiar consanguíneo dos moradores. O segundo núcleo distribuiu-se na porção central do vilarejo em redor dos principais equipamentos coletivos: Igreja, Campo, Escola, Praça e Bares (do Jairo, do Machado e da Sandra). Por fim o terceiro núcleo se desenrola em redor do cemitério, localizado no alto de uma pequena colina, as casas se distribuem em redor das duas ruas que circulam o morro; neste núcleo também vigora um forte vínculo consanguíneo entre os moradores, ali se situam uma igreja evangélica e o Bar do Banana.

<sup>21</sup> **Visita à Toninha em Monsenhor Horta (Diário de campo de Eduardo):** Maria Rosa, preocupada com a situação da comadre Toninha, que sofria de uma insuficiência respiratória, dependente de oxigênio desde quando morava em Paracatu de Baixo, tinha me falado que gostaria de fazer uma visita a ela. Então, por ocasião de uma das minhas idas à Mariana, fomos a sua casa e ainda levamos Francisca a tiracolo. Ao chegarmos, Maria Rosa e Francisca foram direto para o quarto da dona da casa, que se encontrava acamada. Eu me demorei na garagem, acompanhando os trabalhos executados pelos homens na construção de uma cobertura para a mesma, e quando finalmente adentrei ao quarto a atmosfera estava tensa. O assunto girava em torno das mazelas e dissabores que vinham vivenciando desde o rompimento da barragem de Fundão. O debate estava acirrado entre Francisca e Antonieta, filha de Toninha, sobre os direitos relativos às indenizações. Maria Rosa, percebendo a irritação de Toninha, logo desviou o rumo daquela conversa para falarem sobre a vida sexual delas, comentando que a doença da Toninha era por falta de sexo, fazendo todos caírem na gargalhada. Antonieta pegou a chave do carro e sumiu. Maria Rosa aproveitou do momento que Antonieta saiu para incentivar Toninha a ir morar na sede municipal de Mariana, perto dela, no Céu Azul. Ofereceu ajuda para escolher a casa e disse à Toninha que, caso ela fosse, colocaria suas filhas para ajudá-la. Quando vínhamos embora, Maria Rosa repreendeu Francisca por ficar discutindo assuntos que claramente aborreciam Toninha. Em relação ao seu comentário sobre a vida sexual delas, Maria Rosa explicou: “Falei mesmo, Toninha tá precisando de rir! De alegria! Não é ficar com aquele assunto ruim que cê tava discutindo com a Antonieta, deixando ela mais nervosa”.

**Visita de Maria Rosa à Eugênia:** Quando estávamos já para sair da casa de Maria Rosa, tendo em vista ainda visitar Eugênia naquele mesmo dia, perguntamos se Maria Rosa não queria ir conosco para ver a amiga. Maria Rosa não pensou duas vezes, logo se arrumou e descemos para a residência de Eugênia. Durante essa visita pudemos perceber a alocação espacial de assuntos dentro da casa e a reafirmação do papel da mulher – enquanto mãe e dona de casa – de Paracatu de Baixo. Eugênia nos recebeu em sua sala, e lá começou a conversar com Maria Rosa sobre a criação das filhas no que acabou mais parecendo um jogo de comparações. Depois que uma demonstrava seu rigor ao disciplinar suas filhas, a outra fazia gestos de

A título de exemplo, quando Francisca teve seu primeiro filho, com um homem com quem não era casada, a família a humilhou tanto que ela decidiu sair de casa. Graças à rede de solidariedade com vizinhos como Jesuíno, padrinho de seu filho do meio, ela conseguiu construir um barraco de pau a pique, nos fundos do terreno da família, onde passou a morar com seus filhos. Morando sozinha passou por momentos de muita dificuldade, chegando inclusive a passar fome. Ismênia, sua vizinha, ouvindo o choro das crianças, toda noite atravessava o canavial que separava as duas casas e levava comida e leite. Este gesto foi retribuído por Francisca que cuidou de Ismênia até seu último suspiro. Ismênia adoeceu pelo desgosto de ver seu marido trazer outra mulher para dentro casa, e fumou até morrer.

Por outro lado, o rompimento das relações por conta da falação, por exemplo, gera afastamentos e reticências entre casas inteiras. Quando Santinha fez fofoca de uma suposta gravidez de Juliana, filha mais velha de Maria Rosa, num primeiro momento quase irrompeu-se um conflito físico, em que a segunda queria dar uma coça com uma viga de mata-burro na primeira. Passado o calor dos fatos, Maria Rosa tomou a decisão de nunca mais nem olhar na cara de Santinha e esta atitude da mãe se estendeu, automaticamente, a todas as filhas, ao filho e ao marido. E este rompimento mantém-se firme até hoje em Mariana<sup>22</sup>. Neste caso, a fofoca é entendida como uma tentativa de “fazer maldade” (DAINESE apud COMERFORD et al. 2015, p. 56), capaz de chacoalhar dinâmicas entre os membros de uma casa e, conseqüentemente, justificativa para a ruptura de vínculos com quem a iniciou. Francisca, por exemplo, deixou de receber um vizinho em sua casa, porque este foi dizer para o seu filho, Edilson, que Gisele, sobrinha de Francisca, estava de caso com um homem mais velho. Francisca relata não tê-lo julgado por ter alertado a família do comportamento de Gisele, pelo qual ela seria repreendida, mas por ter chamado Edilson, e não a dona da casa, na conversa. O que chama a atenção é que Francisca se recorda do vizinho com carinho, porém preserva o distanciamento. Ela nos contou essa história ao preparar o suco para acompanhar nosso almoço, pois o vizinho sempre bebia suco em sua casa e ele tinha uma maneira singular de prepará-lo que lhe chamava atenção.

## ***O cuidado e seu oposto***

---

aprovação e compartilhava alguma experiência na qual tenha apresentado semelhante firmeza. Depois dessa prosa, Eugênia nos convidou para a cozinha, onde a conversa ficou mais íntima e as duas rememoraram os motivos de suas desavenças com Santinha.

<sup>22</sup>A manutenção do afastamento entre Santinha e Maria Rosa é nítida. Nas reuniões, por exemplo, elas sequer se cumprimentam, assim como as filhas de Maria Rosa não têm qualquer relacionamento com Santinha e sua filha. Da mesma forma, Eugênia e Neusa têm suas diferenças com Santinha por alguma fofoca que ela tenha inventado.

Se, no exercício cotidiano, a mulher detém o poder sobre a vida e o sucesso da casa, provendo os corpos de alimento sadio e mantendo a ordem dentro e fora da morada, por meio da determinação dos contatos sociais da família, ela também tem poder sobre a morte e o fracasso desta. Nesta esteira, percebe-se a existência de uma oposição bastante semelhante à ideia de *sossego x descontrole*<sup>23</sup> trabalhada por Guedes (2017), acerca de um conjunto de atitudes e condutas que nossas interlocutoras qualificam como *cuidado* e seu oposto. Enquanto se espera da mulher o cultivo de virtudes, a vida é caracterizada por contradições que cada uma de nossas interlocutoras devem enfrentar. Percebemos, então, que entre os paracatuenses existe uma série de tensões e ambivalências entre, por um lado, ideais e expectativas ligados à moralidade camponesa e, por outro lado, a realidade vivida.

*Cuidado* é um determinado tipo de comportamento que é qualificado, valorizado, esperado e cobrado das mulheres. Ele integra a mulher nas práticas de solidariedade e de generosidade, seja na relação com os membros da casa, seja com os vizinhos, e emerge como forma de superação do contexto de vulnerabilidade social, mantendo a integridade da casa e da comunidade. Ele se qualifica em oposição à realização individual da mulher. É neste sentido que o cuidado emerge, quando nossas interlocutoras tentam responder à questão: qual seria a melhor filha de Toninha? Desde que o marido se foi, Toninha adoeceu de desgosto e se tornou dependente das três filhas. Antonieta, a mais nova, desde pequena arruma confusão, pulava o muro da escola, viajava sem avisar, namorava rapazes do povoado vizinho de Monsenhor Horta, entre outras feitas. Reza a prosa que ela trouxe a mãe do hospital, a colocou dentro de casa e disse para a irmã do meio e as amigas da mãe que os médicos haviam-na desenganado e “no mesmo carro que trouxe a mãe, ela voltou!”. Antonieta está definitivamente fora da disputa. Para algumas de nossas interlocutoras, essa “ainda vai matar a mãe” com seus gritos e xingamentos dentro de casa. Seria Perpétua, a mais velha? Considerada “menina trabalhadeira que conseguiu uma casa em Mariana” e que soube lidar com um marido que usava drogas em casa, superando as adversidades e conquistando sua moradia e emprego estável. Ou seria Elisa, filha do meio, que apesar de, como a mãe, ter se casado com um homem violento, cuidou

---

<sup>23</sup> Citando Dainese (2015) e Weitzman (2016), Guedes (2017) emprega os conceitos *sossego* e *descontrole* para apreender a forma como os ciclos de desenvolvimento de pessoas, casas e cidades estão imbricados uns nos outros. Em seu estudo de Minaçu, cidade de Goiás que pertence ao circuito migratório de grandes projetos e mais recentemente passa por um boom imobiliário, ele argumenta que enquanto a longo prazo almeja-se a estabilidade da casa, cuja responsabilidade recai principalmente sobre a mulher, seus membros não estariam salvos das tentações e dos excessos associados à rua e ao movimento. Neste sentido, para o autor, “o *descontrole* aparece como um movimento contrário àqueles esforços direcionados ao investimento ou ao cuidado das casas” (GUEDES, 2017, p. 422).

de Toninha quando esta voltou do hospital desenganada pelos médicos, e ainda hoje visita a mãe e ajuda a manter a casa limpa e a cozinhar alimentos frescos. Entre nossas interlocutoras não existe consenso. Para Dona Terezinha, Eugênia e Maria Rosa, Perpétua é a boa filha, pois veem nela a qualidade da superação e da independência. Para Francisca, Elisa é a boa filha, pois ela foi à única que ajudou e ainda ajuda a mãe em sua doença. Todas reconhecem o papel de Elisa no *cuidado* da mãe, e, frente à argumentação de Francisca, Maria Rosa não sustenta uma defesa à Perpétua.

De outro modo, o *cuidado* se expressa em algumas atitudes, tais como a de Maria Rosa com seu marido, Francelino. Ela o controla para que ele não beba cachaça. Negocia com ele para que opte por cerveja, vinho ou coquetéis. O acompanha a bares e forrós, porém, não aceita que ele beba cachaça. Ela cuida do marido para evitar que ele, assim como tantos outros homens paracatuenses, inclusive da família de Francelino não caia no vício, ou seja, no conjunto de ações da falta de cuidado. Contudo, para compreendermos a articulação desta ideia, primeiro é preciso compreender o papel da Cachaça (que ao longo da prosa ficou evidente que simboliza bebidas alcoólicas em geral) na vida da comunidade. Todas as nossas onze interlocutoras fizeram ou fazem uso de algum tipo de bebida alcoólica. A maior parte delas frequentava ou frequenta bares, festas e forrós, inclusive depois de terem se casado. Já a Cachaça, enquanto substância, faz parte do mundo social dos homens, estando presente em suas atividades de trabalho e lazer. Em Paracatu, se bebe de alegria e se bebe de desgosto, se bebe até morrer, mas a “cachaça não mata”!

Essa é a opinião de Francisca ao avaliar o papel de *cuidado* da mulher. Para ela a bebida não tira a vida das pessoas, mas sim a mulher que não cuida do homem quando ele fica doente. Quando o homem adocece a mulher precisa levá-lo ao hospital, visitá-lo regularmente, dar atenção a ele e verificar se o enfermo está sendo bem alimentado. Para ilustrar, ela compara o valor de duas mulheres e as diferentes formas como elas responderam à doença do marido. Maria Inês, de acordo com Francisca, “pode ser o que for, mas ela tá lá no hospital com Romoaldo!”. Diferentemente, Clarissa viúva que “posa como boa samaritana”, mas que abandonou seu marido em casa, colocou um pano na janela, trancou a porta e foi para Mariana quando ele estava doente. Para Francisca, Clarissa matou o marido negando-lhe a assistência necessária durante seu padecimento, enquanto Maria Inês tem seu mérito por cuidar do marido apesar de apresentar outros comportamentos repreensíveis.

Da mesma maneira, Ismênia e Toninha têm em comum o fato de terem adoecido de desgosto em função do abandono dos seus maridos. No caso de Toninha cabe destacar alguns fatos relevantes, por exemplo, durante o período que esteve casada, ela vivia sob a rédea curta do esposo,

um homem ciumento e violento que lhe proibia de participar das festas e de frequentar os bares. Quando este homem a deixou, ela, de desgosto, passou a beber e fumar todos os dias. O curioso é que, de proibida pelo marido de beber, Toninha passou a consumir um “superlitro” de Cachaça por dia, ou seja, seu estado de *descontrole* foi tal que passou a consumir a cachaça, a bebida dos homens, em substância. Contudo, nenhuma de nossas interlocutoras faz julgamento moral tipificando seu comportamento como de viciada ou doente, ao contrário, todas manifestam consternação e compaixão com o sofrimento daquela mulher.

Ademais, sobre os comportamentos de descuidado, circulam entre as interlocutoras casos de casais como Neusa e Moacir, Milceslane e Zé das Couves, ou mesmo de solitários, como Cassiano e Zé Antão, figuras cujas histórias são contadas como comédias, para o divertimento geral, que denotam os comportamentos correlatos à ideia de *descontrole*, e que trazem algum tipo de reflexão sobre o papel de mulheres e homens naquela sociedade<sup>24</sup>. Nestas cômicas narrativas se descrevem os comportamentos relacionados ao abuso da cachaça, às brigas e discussões no meio da rua, à intromissão, ao excesso de gastos e à prática sexual desinibida, não existindo um termo específico para designar tais comportamentos. Os apelidos atribuídos aos personagens dessas narrativas assumem, também, um papel adjetivo no trato das pessoas que manifestam algum destes comportamentos, por exemplo, entre as filhas de Maria Rosa, usa-se o termo “antão” quando alguém está sendo inconveniente ou intrometido.

O que esses exemplos sugerem é que a despeito da existência de expectativas relacionadas às condutas de uma “boa esposa” ou uma “boa filha” no campo, a realidade vivida é muito mais complexa. Existem situações nas quais algumas virtudes podem ser comprometidas em função da manutenção de outras. A interpretação dessas condutas refletem, na realidade, a própria experimentação das nossas interlocutoras com esses dilemas. Elas permitem a realização de críticas e autocríticas a respeito de decisões tomadas (MATTINGLY, 2014). Quando Francisca compara os atos de Maria Inês e Clarissa enquanto esposas, observamos uma hierarquização de qualidades que são esperadas de uma “boa esposa”, ou seja, a priorização do cuidado sobre a fidelidade. Isso em si, revela as escolhas realizadas por Francisca ao longo de sua vida – sua biografia. Francisca teve filhos fora do casamento (algo moralmente condenável em Paracatu),

---

<sup>24</sup>A postura corporal de Eugênia reflete bem esta situação. Eugênia é de longe nossa interlocutora mais expressiva, com constantes gesticulações e alterações no tom de voz durante a prosa. Em sua casa, geralmente, não é ela quem inicia a contação dos casos engraçados, mas sim sua filha mais nova Manoela. Eugênia acompanha a história, ri bastante, e faz algumas intervenções pontuais, corrigindo alguns fatos relatados pela menina. Em todos os casos, ao final, ela apresenta uma expressão reflexiva, suspira e murmura expressões como: “O gente... O dó... Ai Deus...”.

porém, nunca negou cuidado a quem precisava. Cuidou de sua mãe nos seus últimos dias, apesar da mesma a ter condenado por ter tido filhos fora do casamento. Quando nossas interlocutoras expõem as razões pelas quais a Perpétua ou a Elisa seriam a "melhor filha" de Toninha, percebemos que apesar do *cuidado* continuar sendo a maior virtude a ser cultivada pela mulher, nossas interlocutoras estão julgando aspectos diferentes. Eugênia, Dona Terezinha e Maria Rosa julgam as filhas de Toninha enquanto mulheres que "não dão trabalho" para a mãe. Perpétua soube superar dificuldades no casamento e constituir uma condição econômica estável para ela e para seu filho, diferentemente das irmãs. A história de Eugênia, por sua vez, se assemelha à de Perpétua, pois a primeira também largou seu marido violento, que agora chama de o "Falecido". Com o auxílio da prefeitura, ela ergueu sua casa em Paracatu de Baixo, no terreno da mãe, onde criou suas duas filhas e seu filho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A validade analítica da casa no contexto do pós-desastre repousa no fato de ela ser o local onde emana, em sua diversidade de maneiras, a regularidade. Independentemente das intempéries e da situação social-econômica estabelecida, a casa constrói o sentido do familiar e do próximo. Como laboratório moral, é o lugar onde relações diárias são continuamente tecidas e decisões permeadas de questões éticas são regularmente tomadas. Ela permite a criação de vivências que definem e transformam processos de singularização e subjetivação, e serve como filtro para que sujeitos entendam e experimentem o mundo. Cabe salientar que o papel de estabilizador exercido pela referência de casa, mesmo em contextos como o do desastre, contribui para o (re)estabelecimento de uma rotina que busca – e obriga – encarnar algum tipo de normalidade, mesmo diante da exceção do exílio.

O olhar destinado às casas e suas donas nos trouxe à tona uma problemática que originalmente não nos ocupava, mas que em larga medida possibilitou a reinterpretação de algumas outras tantas situações que havíamos observado no âmbito das esferas de negociação. A principal dessas é o clamor pela "minha casa", antes compreendido de uma maneira individualista, que se revelou como a necessidade da casa no singular e no plural, como coisas inseparáveis, pois a casa em Paracatu de Baixo é vivida coletivamente. A morada é mais que mera referência territorial e simbólica para agência em ambiente coletivo, ao contrário, ela é o centro organizativo desta agência, ela demarca os limites e as tensões da convivência, assim como os valores e as obrigações relacionadas ao cuidado.

Como articuladoras da movimentação dentro e entre as casas, suas

donas são detentoras de poder no que diz respeito à restituição da casa de Paracatu de Baixo no pós-desastre, responsabilidade esta que acarreta consigo o sofrimento mais agudo dos impactos do rompimento da barragem de Fundão. Cabe destacar, no entanto, o caráter parcial deste trabalho no que se refere a sua pequena abrangência proporcionado pelo recorte nas mulheres donas de casa, frente à complexidade de relações e sujeitos sociais envolvidos no cenário da casa. Em larga medida a análise de rupturas e permanências deriva de observações relativas aos cotidianos das donas de casa, e não de suas filhas e seus filhos, ou mesmo de seus maridos. Nossa inserção via casa nos fez perceber situações de diversas sortes ligadas às transformações de hábitos, principalmente entre crianças e adolescentes, decorrentes da completa imersão no mundo da internet e novas tecnologias. Também não focalizamos nas perturbações provocadas pelo desastre relativas ao trabalho na roça e às práticas agrícolas realizados pelos homens de Paracatu de Baixo. Ambos eixos pedem uma investigação aprofundada na construção de uma memória social local mais compreensiva, o que permitiria um melhor entendimento das consequências do evento crítico e de sua governança nas casas da coletividade.

Trabalhar a casa no contexto da residência na sede municipal de Mariana, evidencia o caráter de alheamento e distanciamento, tanto de uma perspectiva territorial quanto simbólica, dos sujeitos sociais de si mesmo. Isto em relação às distâncias estabelecidas entre as casas, a ausência de seu quintal e a necessidade constante de lidar com pessoas, instituições e dinheiro para a resolução de problemas simples, como trocar uma torneira defeituosa em uma residência alugada. Desta maneira, as mulheres encontram-se em um estado que lhes é completamente diferente do habitual e à espera de uma definição da nova situação. O conjunto de sobreposições e compressões de tempo e espaço levado a cabo pela situação de exílio em Mariana nos dá a metáfora da liminaridade. O desastre, enquanto experiência-limite, cria uma nova categoria - o sujeito atingido - para atuar dentro de um arranjo institucional característico de conflitos ambientais e crises humanitárias. Este sujeito existe como abstração mesmo em sua dimensão real e concreta, por vezes, como negação da mãe, da esposa e da dona de casa de Paracatu de Baixo, que por sua vez se recria no novo contexto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. Gastro-politics in Hindu South Asia. *American ethnologist*, v. 8, n. 3, 1981.

LIMA, Gabriela Neves de; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 76-109, jul./dez. 2018.

ARENDDT, Hannah. **The Human Condition**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1999 [1958].

BACHELARD, Michel. **The poetics of space**. New York: Penguin, 2014 [1958].

BAHLOUL, Joelle. **The Architecture of Memory: A Jewish–Muslim household in colonial Algeria, 1937–1962**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BENSA, Alban; Fassin, Eric. Les sciences sociales face à l'événement. **Terrain**, v. 38, p. 5–20, mar. 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrain/1888>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins e Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Ana. “Mulher é trem ruim”: a “cozinha e o “sistema” de um povoado norte-mineiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 707–731, mai.–ago. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2017000200707&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000200707&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 31 mar. 2018.

CARSTEN, Janet. **The Heat of the Hearth: The process of kinship in a Malay fishing community**. Oxford: Clarendon Press, 1997.

CARSTEN, Janet. Houses of Memory. In: \_\_\_\_\_. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 31–56.

COMERFORD, John. “**Como uma Família**”: Sociabilidade, reputações e territórios de parentesco na construção do sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

COMERFORD, John. Onde está a “comunidade”? Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o “rural” e o “urbano”. **RURIS**, v. 8, n. 2, p. 7–29, set. 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/1986/1422>. Acesso em: 30 mar. 2018.

COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana; DAINESE, Grazielle. **Giros etnográficos**

LIMA, Gabriela Neves de; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 76–109, jul./dez. 2018.

em Minas Gerais. Casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **The Practice of Everyday Life**, v. 2. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2006.

FRAIMAN, S. **Extreme Domesticity: A View from the Margins**. New York: Columbia University Press, 2017.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUEDES, André. Construindo e Estabilizando Cidades, Casas e Pessoas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 403–435, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v23n3/1678-4944-mana-23-03-403.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HOFFMAN, Susannah; OLIVER-SMITH, Anthony. **Catastrophe and Culture: The anthropology of disaster**. Santa Fe: School of American Research Press, 2002.

HUGH-JONES, Stephen; CARSTEN, Janet. **About the house: Levi-Strauss and beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

IANNI, Otávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

IZQUIERDO, Iván. Memórias. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 6, p. 89–112, 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522/10073>. Acesso em 30 mar. 2018.

KOSELLECK, Reinhart. **Futures Past: On the Semantics of Historical Time**. Cambridge: MIT Press, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of Everyday Life**. London/New York: Verso, 1991 [1947].

LIMA, Gabriela Neves de; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 76–109, jul./dez. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. The Social Organization of the Kwakiutl. In: \_\_\_\_\_. **The Way of Masks**. Washington: University of Washington Press, 1979.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1994.

LIBERATO, Rita de Cássia; GONTIJO, Eduardo O.; OLIVEIRA, Estela D. Cartografia Participativa: uma proposta de método para resgate da espacialidade das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem da mineradora SAMARCO/S.A. em Mariana Minas Gerais. Comunicação Oral Apresentada às **X Jornadas Antropológicas UFSC**. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social**: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. São Paulo: Museu da Pessoa, 2008.

MARCELIN, Louis HERN. A linguagem da casa entre os negros no recôncavo baiano. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 31–60, out. 1999.

MATTINGLY, Cheryl. **Moral Laboratories**: Family peril and the struggle for a good life. Los Angeles: University of California Press, 2014.

MILANEZ, Bruno; LOSEKANN, Cristiana. **Desastre no vale do Rio Doce**: Antecedentes, impactos e ações sobre a destruição. Rio de Janeiro: Folio digital: Letra e Imagem, 2016.

MILLER, Daniel. **Home Possessions**: Material Culture behind Closed Doors. Oxford: Berg, 2001.

NAEPELS, Michel. L'épéiement sans trêve et la curiosité de tout. **L'Homme**, v. 3, n. 203–204, p. 77–102, 2012/13. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lhomme/23101>. Acesso em 31 mar. 2018.

PATEMAN, Carole. Feminist Critiques of the private/public dichotomy. In: GAUS, Gerald; BENN, Stanley (Org.). **Public and Private in Social Life**. London: Croom Helm, 1983.

PINE, Frances. Naming the House and Naming the Land: Kinship and Social Groups in Highland Poland. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 2, n. 3, p. 443–459, set. 1996.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013 [1969].

LIMA, Gabriela Neves de; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 76–109, jul./dez. 2018.

SARTORI, Juliana; VALENCIO, Norma. O desastre vivenciado: a importância da memória social de idosos através da análise do caso de São Luiz do Paraitinga. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 13, n. 26, jul.–dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/5146/0>. Acesso em: 31 mar. 2018.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia”. O campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília/Rio de Janeiro: Editora UnB/Tempo Brasileiro, v. 87. p. 11–73, 1990.

ZHOURI, Andréa; VALENCIO, Norma; OLIVEIRA, Raquel; ZUCARELLI, Marcos; LASCHEFSKI, Klemens; SANTOS, Ana Flávia. O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. **Ciência e cultura**, v. 68, n. 3, jul.–set. 2016. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252016000300012](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300012). Acesso em: 31 mar. 2018.

ZHOURI, Andréa (Org.). **Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil**. Marabá: Editorial iGuana; ABA, 2017.

## AUTORES

### Gabriela Neves de Lima

Bacharel em Ciência Política; Mestre em Política Urbana pela Sciences Po de Paris e London School of Economics. Assistente de pesquisa no Departamento de Geografia e Meio Ambiente da London School of Economics. E-mail: [nevesdelima.gabriela@gmail.com](mailto:nevesdelima.gabriela@gmail.com).

### Eduardo Gontijo Oliveira

Bacharel em Ciências Sociais, pela PUC – Minas. Pesquisador associado às Arquitetas Sem Fronteiras Brasil (ASF) e Professor Assistente Voluntário do Departamento de Projetos da Escola de Arquitetura e Design da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [eduardoogb@gmail.com](mailto:eduardoogb@gmail.com).

LIMA, Gabriela Neves de; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 76–109, jul./dez. 2018.

Recebido em: 31/03/2018.  
Aprovado em: 10/07/2018.  
Publicado em: 25/12/2018.

LIMA, Gabriela Neves de; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 76–109, jul./dez. 2018.